

JORNAL DO BRASIL Covas prevê atritos para FH

05 AGO 1999

Brasília - Fernando Bizerra Jr.

■ Governador diz que a sucessão vai rachar base aliada

ANDRÉ LACERDA E
FRANCISCO LEALI

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso vai ter cada vez mais problemas com os partidos da base aliada. A avaliação é do governador de São Paulo, Mário Covas, que ontem previu um cenário político desfavorável ao presidente, na medida em que os partidos governistas já se articulam para as eleições presidenciais de 2002. Covas criticou a antecipação da sucessão de Fernando Henrique: "A discussão sobre eleição agora é estupidez".

Para evitar novos choques com as lideranças aliadas, o presidente Fernando Henrique convidou o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), para um encontro ontem à noite, no Palácio da Alvorada. Hoje, Fernando Henrique jantará com o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho.

O relacionamento entre o presidente e ACM foi abalado depois que o Congresso modificou o texto da medida provisória que concedia benefícios fiscais para instalação de uma fábrica da Ford na Bahia.

Limite - Ontem à tarde, depois de participar da sessão solene do Congresso em memória do deputado Franco Montoro, o governador Mário Covas expôs sua crença de que a aliança que elegeu o presidente Fernando Henrique chegou ao limite. O lançamento de candidaturas próprias dos partidos que estiveram juntos nas eleições presidenciais de 1994 e 1998. "Este tipo de aliança não é para ser para o resto da vida", comentou.

"A aliança foi feita em cima da



Covas, com a deputada Zulaê Cobra, disse que antecipação da sucessão de FH é "uma estupidez"

eleição, continuou durante o governo e imagino que continue, mas vai chegar um instante em que cada um vai tomar seu caminho porque cada um tem seu candidato", acrescentou. Para Covas, os partidos só se manteriam unidos se não tivessem candidatos próprios à sucessão presidencial.

"Quanto mais próxima estiver a discussão da eleição, mais independentes os partidos vão ficar. A menos que eles não tenham candidato. Mas é óbvio que quem tiver candidato vai ter uma atuação independente", disse. E emendou: "Quando tiver o candidato, de duas, uma: ou o candidato é a favor do governo atual ou é contra. Se for contra, é natural que o partido fique contra".

Covas ressaltou que as dificuldades para formação de uma base parlamentar de apoio são decorrentes do sistema presidencialista de governo e não culpa do presidente Fernando Henrique. "Quem governa vai passar a vida inteira no processo de aliciamento, de procurar alianças e ser sempre julgado se o que está fazendo obedece a padrões éticos", afirmou. Para Covas, a maneira de se fechar alianças só mudaria num governo parlamentarista.

Partidos - O governador acrescentou que, embora o sistema político vigente exija que os partidos tenham uma estrutura nacional, a realidade do "cenário geopolítico" é muito diferente, o que dificulta a ainda mais a forma-

ção da maioria parlamentar. "Aquilo que a gente chama de esquerda no Amazonas é diferente da esquerda no Rio Grande do Sul. A direita no Rio de Janeiro é diferente em Tocantins", comparou.

Essas diferenças regionais, continuou Covas, impede que o país tenha, de fato, partidos nacionais. "Temos aglomerados estaduais que juntam determinadas figuras que, às vezes, são completamente diversas, se pensarmos nacionalmente", afirmou.

O governador paulista voltou a criticar os incentivos fiscais concedidos pelo governo federal para a instalação de uma fábrica da Ford na Bahia. "Não achei nada simpático. O governo está errado", disse.